

LAPINHA E HELICTITES

Gilberto A. R. Martins*

INTRODUÇÃO

O material a ser apresentado é parte integrante do "Cadastramento de grutas nas regiões Metalúrgica e Alto Jequitinhonha" (Projeto grutas), realizado pela Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais "CE TEC", e com a participação da Sociedade Excursionista e Espeleológica (S.E.E.), dos alunos da Escola de Minas de Ouro Preto.

As equipes foram divididas conforme a necessidade do trabalho (geologia, Topografia, etc...), tendo participado dos levantamentos os seguintes membros da S.E.E.: M. Bicalho; R. F. de Castro; N. Destro; M. C. Dornelas; J. P. de Figueiredo Neto; M. P. Gonzaga; W. R. Grossi; W. Luiz; G. A. R. Martins; A. P. L. de Menezes; G. de B. Moreira; C. J. M. Pedrosa; R. C. Peres; P. J. B. Rabelo; L. de F. M. de Rezende.

Nossos agradecimentos ao Setor de Ecologia e Desenvolvimento Ambiental e ao Programa de Pesquisa Científica e Tecnológica para Meio Ambiente e Recursos Naturais, pela possibilidade de apresentação do trabalho no XIV Congresso Nacional de Espeleologia, Belo Horizonte, 1982.

GRUTA DA LAPINHA

A gruta da Lapinha se situa no município de Lagoa Santa, distrito da Lapinha, e se localiza sob as seguintes coordenadas, 19° 33'43" de latitude e 43°57'34" de longitude. É uma das duas únicas grutas de Minas Gerais tradicionalmente utilizada para fins turístico-recreativo.

Dentre os sítios cadastrados pelo Projeto Grutas, a Lapinha foi a única cujo levantamento topográfico foi feito a nível de detalhe. As estações topográficas foram dispostas a pequenos intervalos e todas as medições auxiliares foram realizadas com o mesmo rigor das medições básicas. As bússolas modelo "Silva", utilizadas normalmente nos levantamentos topográficos expeditos, deram lugar às bússolas modelo "Brunton" a-

* Soc. Exc. Espeleol. - UFOP

coplados sobre tripés, o que garantiu a leitura de azimutes com precisão de $\pm 01^{\circ}30'00''$. A maior parte do levantamento topográfico foi realizado após o período de visitação pública. Inicialmente a iluminação artificial da gruta foi mantida acesa, mas logo foi desativada para evitar superaquecimento, e o mapeamento foi concluído sob luz de carbureto e lanternas elétricas. Além da planta baixa e dos perfis longitudinais, foram realizados vários cortes transversais nos diversos condutos penetráveis da gruta. O desenvolvimento total da Lapinha é de 631m, para uma extensão de 138m. O desnível entre a entrada e o ponto de cota mais baixa é de 21m.

Em relação aos espeleotemas, os existentes na Lapinha formam um conjunto relativamente belo. Predominam as cascatas, cortinas, estalagmites e, em menor quantidade, estalagmites e travertinos. Em sua maioria, estão no limiar da maturidade, ou seja, coesos, limpos, bem definidos e sem apresentar sinais de intemperismo. Na planta baixa, a excessiva concentração de espeleotemas que ocorre em níveis superpostos foi apenas indicada, para que a mesma não ficasse graficamente sobrecarregada. Contudo, a disposição e volume dos agrupamentos e espeleotemas representados nos setores não-superpostos é rigorosamente fiel à realidade.

Alguns setores típicos da gruta:

. Salão da Catarata

Situa-se próximo à entrada. Seu piso é parcialmente formado por travertinos e encerra uma grande cascata que justifica sua denominação.

. Sala da Couve-Flor

Não se justifica, espeleologicamente, o nome dado a este salão, pois não há couve-flores no mesmo. É caracterizado por cascatas recobertas por micro-travertinos desde o piso argiloso até uma altura de 2m.

. Sala da Filtração

É o único setor da Lapinha onde ocorre gotejamento perceptível. Alguns corpos estalactíticos de forma grosseira e uma estalagmite coberta de micro-travertinos em formação, ornamentam este setor.

. Salão da Catedral

Predominam aqui cascatas com caneluras, formadas a partir da associação de cortinas brancas e amareladas. Muitas das formações estão quebradas.

. Sala das Pirâmides e Canto do Abajur

A sala das Pirâmides constitui uma via de acesso ao conduto denominado Canto do Abajur, onde há um espeleotema que se assemelha àquele tipo de luminária.

. Sala das Cortinas

Apesar de ter algumas formações quebradas, o conjunto de cortinas agregadas, com aspecto rendado, que se estende por aproximadamente 3m, é efetivamente belo.

. Galeria do Sino

Trata-se, apenas, de uma galeria onde se localiza uma estalactite que emite um som grave quando percutida.

. Sala dos Tambores

É um salão com cortinas quebradas em grande quantidade. Algumas cortinas se uniram e formaram cascatas espessas, que produzem um som cavo quando golpeadas.

. Sala do Presépio

Apresenta um conjunto de concreções e travertinos que em nada se parece com um presépio. São espeleotemas de importância secundária.

É fato que o desenvolvimento de uma gruta para ser utilizada turisticamente gera um impacto negativo desta. Porém, se for possível controlar este impacto, mantendo-se dentro dos limites de tolerância do ecossistema hipogeo, ter-se-á conseguido controlar o sistema e minimizar o efeito desestabilizante deste desenvolvimento. Para se fazer isto, efetivamente, o indispensável é conhecer os limites ecológicos de tolerância de cada gruta em particular, e do ecossistema cavernícola em geral, e não exceder esta capacidade para o elemento turístico. Infelizmente muito pouco se fez e se faz a este respeito. Também, o corte de vegetação se efetuado próximo as bocas, pode alterar completamente o microclima das grutas. Lapinha, hoje, sente-se nua. Umhas poucas árvores resistem...

Alguns cuidados adicionais devem ser tomados ao se preparar uma gruta para turismo. É óbvio que esta deve apresentar níveis mínimos de conforto e segurança para o visitante, e por isso são poucas as que se prestam a uma eventual transformação. Porém, é necessário que não se transforme a gruta em um esqueleto asséptico. Nas galerias da Lapinha encontram-se sistematicamente bancos de pedra, pequenos e de mau gosto, somente contribuindo para a descaracterização do ambiente. As instalações de superfície (restaurantes, museus, estacionamentos) devem ser colocados de modo a valorizar a gruta, e não constituir um elemento negativo para a percepção do fenômeno cárstico, o que infelizmente acontece com a Lapinha, onde tais instalações se apinham próximo à boca, como o surrealista "Castelinho". A vegetação exuberante, sempre que existir, deve ser preservada, mesmo próximo à entrada principal, onde se poderá observar a estreita relação gruta-superfície, sempre interessante, didático, natural e necessária.

As sequelas turístico-administrativas evidentes na Lapinha podem ainda ser parcialmente corrigidas. Entretanto, o aproveitamento turístico da mesma, nos moldes em que foi implantado, apesar de gerar lucros financeiros consideráveis a curto prazo, é inadequado e serve de exemplo para indicar o que não deve ser feito quando se pretende franquear uma gruta à visitação pública.

GRUTA DOS HELICTITES

Esta gruta se localiza no mesmo maciço calcário onde aparece a gruta da Lapinha, que é bastante grande.

Partindo-se da estrada asfaltada que liga Lagoa Santa à Gruta da Lapinha, e obedecendo a este mesmo sentido, toma-se a última entrada à esquerda, antes da gruta, que leva até uma porteira. Aproximadamente a 500m além desta porteira, no sentido norte e próximo à estrada de terra de acesso à Fazenda das Poções, encontra-se a "Gruta dos Helictites".

A gruta é pouco conhecida na região segundo declarações do Sr. Mihaly Baniay, o "húngaro", proprietário do Castelinho na Lapinha, a gruta foi por ele descoberta em setembro de 1973. A entrada vertical com 4.5 metros se encontra obstruída com pedras, e após sua retirada, foi possível descer até o pequeno salão, além do qual o conduto onde se rasteja foi desobstruído, abrindo a passagem que hoje existe. Ainda segundo ele, a colocação de uma grade no local, com o consentimento do proprietário da fazenda, visa impedir a entrada de depredadores. Esta atitude, que pode ser discutível, efetivamente protege grande parte dos espeleotemas, principalmente a maioria das extensas quantidades de delicadas e belíssimas helictites que, justificadamente, dão nome à gruta.

Aparecem espeleotemas diversos. Nas partes iniciais, a superfície da calcita é recoberta por "triângulos", que têm apenas 0,5cm de lado, em baixo relevo, e que foram observados apenas nesta parte da gruta. Em uma fenda lateral, à direita da formação citada atrás, estão presentes "micro-gours", calcita dente-de-cão, estalactites, canudos de refresco e excêntricos.

Na parte média da gruta, há um pequeno salão, muito bonito, onde as bacias travertinas se assemelham textual e morfológicamente a cogumelos. Em seus interiores existem formações subaquáticas, de arestas vivas, cobrindo todo o fundo dos travertinos.

No seu final, encontramos uma das partes mais interessantes da gruta. No teto, em uma fenda bem alta, e em suas duas paredes, centenas de helictites de sentidos e direções diversas disputam a primazia da excentricidade. São formas variadíssimas, de cor amarelo - avermelhada, que crescem de maneira aleatória até tocar em outras paredes.

A gruta se apresenta no período maduro, com grande quantidade de formas de reconstrução. É importante ressaltar a presença maciça de helictites, nunca observadas em tamanha profusão em nenhuma outra gruta próxima. A ausência de ventilação, fazendo com que a gruta se comportasse como uma cavidade estanque, pode ser uma componente auxiliar no processo genético destes helictites. Devido a suas características singulares, é possível que forneça valioso auxílio à compreensão da gênese de tão discutidos espeleotemas.

A S.E.E. pretende fazer um estudo genético destes helictites, mais demorada e cuidadosa tentando relacionar os parâmetros observáveis "in loco" das hipóteses plausíveis para seu aparecimento. As características singulares de desenvolvimento desta gruta, com sérias dificuldades para ser visitada, impossibilita sua abertura ao público em geral, devendo ser preservada por suas belezas espeleológicas e oferecendo precioso campo de estudo aos espeleólogos.